

A família de Omolu na mitologia dos orixás

André Ricardo de Souza

Nanã é muito velha e sua senhoria Lhe confere grande respeito. Junto com Obatalá, ela é responsável pela criação dos homens. Nanã fornece a lama do fundo das águas, lugar onde ela vive, para que o corpo humano seja modelado pelo Senhor do Pano Branco. A deusa concede a vida ao homem, mas um dia o homem tem que morrer e aí então seu cadáver retorna à terra, à natureza de Nanã. Ela concede a matéria da criação, mas ao final quer de volta tudo que é seu. Nanã é uma divindade intermediária entre morte e vida, por isso ela é a patrona dos enfermos desenganados.

Na mitologia dos orixás, Nanã aparece como a mãe de três filhos, Omolu, Oxumarê e Euá. Com cada um deles ela mantém uma relação de amor que é também tensa. Nanã é possessiva e caprichosa. Ora ela exalta, protege e salva seus rebentos, ora os esconde, reprime e abandona. Nota-se aí a inevitável comparação entre filhos, que aliás conhecemos bem em nossas próprias famílias. Nanã teve dois meninos muito diferentes, um feio e outro lindo: Omolu e Oxumarê. Com pena do primeiro, ela tratou de cobri-lo com palhas para que não fosse visto e zombado por ninguém. Orgulhosa do segundo, ela o colocou no céu para que, com suas cores, ele fosse contemplado por todos. De um lado o deus da varíola, do outro o arco-íris. Nanã quer bem a ambos, mas cada um a seu modo.

Nanã vive na terra e tem poder de cura, como seu filho Omolu. Conta um mito que o menino Omolu, traquinas e desobediente, não respeitou o interdito e pisou nas flores brancas, sendo por isso castigado com a proliferação de feridas sobre seu corpo. Ele suplicou a sua mãe que o curou jogando pipocas em suas chagas. Nanã ensina a curar com pipocas. Ela tem o poder de livrar da morte quem a roga e oferece sacrifícios.

Certa vez Omolu partiu de casa, deixando seus pais para tentar fazer a vida. Acabou só, na miséria e doente. Olorum teve compaixão e o salvou. Omolu então assumiu sua missão de cura e foi livrar seu povo da peste que Lhe estava dizimando. Ele dizia para as pessoas se protegerem tendo à mão uma folha de dracena, o *peregum*, a cabeça pintada com, *efum*, *wage* e *ossum*, os pós branco, vermelho e azul dos ritos. Omolu curou inclusive seus próprios pais e foi saudado pelo povo como "Obá Ìlú Ayé", Obaluaê, o Senhor da Terra. Aquele menino feio tornou-se um grande senhor, admirado e cortejado.

Obaluaê é um guerreiro temido pelas pestes que provoca e domina. Costuma-se fazer oferendas de pipocas para acalmá-lo e conter as doenças. Saúda-se Obaluaê exclamando "Totô hum! Atotô!", que quer dizer "Respeito! Silêncio!". Obaluaê foi recebido com louvor pelos mahis, onde foi chamado Sapatá e também ficou conhecido como Aion. Seus nomes e sua reverência provocaram desentendimento entre os reis de Dahomé, que foram castigados, chegando a morrer de varíola. Omolu, Obaluaê, Sapatá, Xapanan são nomes do senhor da terra, da saúde e da doença. Como sua mãe Nanã, ele é capaz de levar à morte aquele que não Lhe rende a devida homenagem.

No culto à Nanã não é permitido o uso de metais. Conta um mito que ela se julgava superior a Ogum e por isso se negou a pedir bênção ao Oluobé, o Senhor da Faca. Esta é uma rivalidade antiga. Por isso Nanã não usa facas e nem tão pouco o fazem seus devotos nos sacrifícios rituais à deusa. Segundo outro mito, certa vez, Xapanã foi do Dahomé a Oió, onde foi rejeitado e então desapareceu na terra, vindo a provocar a contágio de varíola na população

local. Com a ajuda de um babalaô, verificou-se que deveriam ser feitos sacrifícios para agradar Xapanã e controlar a enfermidade. Todos os tipos de animais deveriam ser oferecidos, mas sem o uso de instrumentos de metal no sacrifício. Talvez esta seja uma espécie de herança ritual da mãe, Nanã.

Conta-se que, Xapanã foi expulso da terra dos iorubás, acusado de causar doença e morte. Ao caminhar para o exílio, Xapanã encontrou Exu que ficou penalizado com sua situação e o levou a Orunmilá. O sábio leu o futuro de Xapanã e mandou que fossem feitos *ebós*. A partir de então Xapanã deveria andar sempre com cachorros para que ele fosse respeitado em qualquer lugar. Xapanã partiu para Dahomé, onde reinava um cruel tirano que estava gravemente doente. O rei suplicou a Xapanã que o curasse. O deus da varíola então cavou um buraco no chão, rezou para Olofim que enviou chuva para lavar todos os males do rei, que então ficou curado. Por isso Xapanã foi, de uma vez por todas, aclamado o Senhor da Terra, Obaluaê. Em Dahomé, Obaluaê é precedido apenas por Exu e tem inclusive um lugar importante no tabuleiro de Ifá.

Um dia, por não obedecer ao mandamento de Orunmilá de não ter relações sexuais em período de interdição, Obaluaê foi morto. Suas mulheres suplicaram a Orunmilá para que ele intercedesse a Olofim-Olodumare por Obaluaê, mas o senhor supremo não concedeu perdão. Orunmilá, por sua vez, espalhou o mel de Oxum no palácio de Olofim. O rei queria mais, mas a astuta Oxum exigiu em troca a ressurreição de Obaluaê. E assim o orixá da peste voltou vida.

As chagas e a companhia de cachorros ligam Obaluaê aos santos católicos Lázaro e Roque, no imaginário popular. Por outro lado, a relação com a terra, com a doença e com os espíritos de mortos também o faz temido entre os que freqüentam os cultos afro-brasileiros.

Obaluaê também é Sapatá e tem um irmão chamado Sobô. Um dia Sapatá deixou seu pai Criador e seu irmão Sobô e veio para a terra trazendo riquezas para viver bem. Passou o tempo e veio uma seca, então o sofrimento abateu todo o povo. Os dezesseis cocos de Ifá revelaram que Sobô exigia um sacrifício para eliminar a seca. Sapatá então enviou um pássaro para levar as oferendas a seu irmão no céu. Sobô lançou um relâmpago ao ver o pássaro mensageiro. Ele recebeu a oferenda e mandou dizer a Sapatá que ele tinha sido muito ambicioso. Sapatá havia levado todas as riquezas do pai, mas deixara a água e o fogo, sem os quais não se pode governar. O pássaro disse também a Sapatá que ele deveria deixar todo o governo do universo para Sobô, o dono da água e do fogo. E assim ele o fez. Então uma chufa benfazeja caiu, trazendo de volta a fertilidade e os dois irmãos se reconciliaram. Vez em quando Sobô, também conhecido como Xangô, faz uma visita à terra e a seu senhor, Obaluaê, na forma de um luminoso relâmpago.

Obaluaê tem uma relação de amor profundo com Iemanjá, que se tornou sua mãe adotiva. Isto aconteceu porque Nanã abandonou seu filho doente numa gruta perto da praia. Iemanjá cuidou de Obaluaê, secando suas feridas nas águas do mar. Depois, ao ver seu filho adotivo pobre ainda, Iemanjá se penalizou e então deu a ele as pérolas do mar. Iemanjá é mesmo a grande mãe dos homens e dos orixás.

Oxumarê, o outro filho de Nanã é um rapaz muito bonito e invejado. Suas roupas têm as cores do arco-íris e suas jóias brilham muito, por isso todos querem se aproximar dele. Mas Oxumarê prefere ficar só e todos costumavam vê-lo, com suas cores no céu, em dia de chuva. Também Xangô se encantou com a beleza de Oxumarê e ardilosamente o convocou para uma

audiência em seu palácio. Xangô quis seduzir Oxumarê e tentou agarra-lo, mas este, suplicou desesperadamente a Olorum, que o transformou então numa cobra. Xangô teve medo e nojo da cobra e Oxumarê então fugiu do palácio. Quando os dois foram transformados em orixás, Oxumarê ficou encarregado de levar a água para o palácio de Xangô, no *orum*. Xangô é o dono da água, mas não tem permissão de se aproximar de Oxumarê.

Conta outro mito que a beleza de Oxumarê encantou Oxum e isso provocou a fúria de Xangô. Temendo perder sua esposa para o belo Oxumarê, Xangô o desafiou para um duelo e o matou. Inconformada, Nanã, a mãe de Oxumarê foi pedir clemência a Ifá. Tão bonito era o jovem que Ifá se condeu. Ele e Nanã transformaram Oxumarê em arco-íris, nomeando-o rei dos astros do céu, onde permanece até hoje.

Oxumarê tinha seu destino marcado pelo fato de viver seis meses como uma linda mulher e seis meses como um monstro. Ele não conseguia manter uma relação amorosa com ninguém, pois quando monstro afastava seus amantes. Por isso Oxumarê era revoltado com sua mãe, Nanã. Um dia Oxumarê foi convencido por Exu a se vingar de sua mãe. Oxumarê entrou no palácio dos jejes, amedrontando a todos como um monstro horrível. Para que ninguém fosse morto, Nanã entregou a coroa para Oxumarê que então se tornou o rei dos jejes. Tal como Obaluaê, Oxumarê tem uma relação contraditória e de conflitos com a mãe, Nanã.

Euá é a filha de Nanã. Ela é muito bela e sua mãe a protege bastante. Nanã pediu para Orunmilá um bom casamento para sua filha. Vários pretendentes então apareceram e duelaram até a morte. Mas Euá não se decidia por nenhum deles. Indecisa e angustiada, Euá se transformou em névoa e se espalhou pela Terra. Desta forma ela passou a cantar feliz. Euá é dona de uma beleza transparente. Olorum, o Deus Supremo, determinou que ela seria a guardiã dos amantes indecisos.

De modo semelhante a Oxumarê, Euá é dona de uma beleza exuberante. Um dia ela ajudou Orunmilá a se esconder de Icu, a morte, debaixo de um tabuleiro de Ifá, enquanto Euá lavava roupa. Icu foi embora resmungando e Orunmilá foi salvo. Ele se encantou com a beleza de Euá e com ela se deitou. Euá engravidou e eles se casaram. Euá cantava: "Orunmilá me deu um filho". Orunmilá cantava "Euá livrou-me da Morte". E todos cantavam "Euá livra de Icu!", "Euá livra da Morte!".

Filha de Nanã, Euá é o encontro do céu e a terra, do céu e o mar, ela é o horizonte. Nanã era uma mãe muito protetora, preocupada em casar a filha. Euá era linda e quieta. Ela não queria se casar, queria viver só, dedicada a fazer cair a noite no horizonte, puxando o sol com seu arpão. Mas Nanã insistia em casar a filha. Euá pediu ajuda do irmão, Oxumarê. O arco-íris escondeu Euá no lugar onde ele acaba, por trás do horizonte. Nanã não mais pode alcançá-la. E assim os dois irmãos permaneceram vivendo longe da mãe lá onde o céu encontra a terra.

Oxumarê e Euá sempre foram muito belos. Conta um mito que Euá estava em sua morada, junto às fontes e nascentes quando foi surpreendida pela beleza do arco-íris. Ela se apaixonou loucamente e veio a se casar com Oxumarê, com quem partilha os segredos do universo.

Euá também foi enamorada e se casou com o outro irmão, Obaluaê. Mas este tinha muito ciúme, pois ela era uma caçadora belíssima. Um dia, desconfiado da esposa e enlouquecido de ciúme, Obaluaê prendeu Euá no formigueiro. As formigas não a mataram, mas deixaram seu corpo deformado com as picadas. Obaluaê então a cobriu com palhas da costa para que ficasse na memória aquela beleza encantadora.

Filha de Obatalá, Euá vivia enclausurada no palácio com o pai, que a protegia do mundo. Mulherengo como ela, Xangô armou um plano: empregou-se no palácio como jardineiro e ficou à espera da bela Euá. Quando ela apareceu na janela ficou encantada com Xangô, que a seduziu. Mas aquele amor fez Euá muito infeliz. Ela decidiu se retirar do mundo dos vivos, pediu ao pai que a mandasse para um lugar bem distante. Foi aí então que Obatalá deu a Euá o reino dos mortos. Euá passou a viver no cemitério, onde um dia ela atraiu e atemorizou Xangô. Ali ela guarda segredos, afinal seu nome vem de Ye-wá, a "Mãe dos Segredos". Ali no cemitério ela entrega a Oiá os cadáveres dos humanos. São os mortos que Obaluaê conduz a Orixá-Ocô. E Orixá-Ocô os come para que voltem novamente à terra, à terra de que foram um dia feitos.

Com Oxumarê, Euá foi protegida e ostentada no horizonte. Com Obaluaê, ela foi preza, deformada e teve seu corpo coberto com palha da costa. Ela compartilha da beleza de Oxumarê e da tristeza de Obaluaê. Euá é a nascente d'água. Com um ela é a água que liga com o céu no horizonte, com o outro ela é a água que penetra na terra levando e trazendo vida. Com seus dois irmãos Euá compartilha a difícil relação com a mãe, Nanã. O que no limite os leva a sair de casa. Talvez seja um amor obsessivo e autoritário.

Euá, Oxumarê, Obaluaê e Nanã são divindades da terra. A terra, o solo, o subsolo, tudo é propriedade de Nanã e sua família. Nanã é a grande matriarca destes orixás e de nós, seres humanos também. Saluba, Nanã! Os orixás da terra detêm segredos quanto a princípios de morte e de vida. A eles rogamos e agradecemos pelo axé.